

**O ESCRITOR-INTELLECTUAL ONTEM E HOJE: DOS TEMPOS OBSCUROS AOS
TEMPOS DE INCERTEZAS**

Inês Skrepetz¹

*Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos
que passeiam no jardim da ciência.*
(NIETZSCHE in BENJAMIN, 1985, p. 228).



Paul Klee, *Angelus Novus*, 1920¹

Assim como a identidade está em permanente construção, a face do intelectual não é diferente. Conforme Said, a primeira luta do escritor-intelectual é a apresentação de outras narrativas e perspectivas da história que não sejam aquelas: “[...] fornecidas pelos combatentes em nome da memória oficial, da identidade

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná- UFPR e doutoranda em Literatura pela Universidade de Santa Catarina-UFSC.

nacional e da missão.” (2007, p. 170). A sua luta inicial é redescobrir a *História*, pensar desde outra perspectiva, como coloca Eduardo Galeano (2009), desde outro sentimento, reivindicar a história mal contada pelo outro, pois os discursos são elásticos, dialéticos e históricos. O intelectual não pode entender o hoje se não olhar para trás. Primeiramente, sua busca é pela reconstrução e o resgate da memória, a qual não terminará nunca, pois ela sempre tem a necessidade de ser falada. Nesse sentido, a desconstrução, a construção e a reconstrução da memória é um trabalho contínuo, como destaca Galeano em sua obra *A memória de fogo*. Dentro dessa perspectiva, que também dialoga com Said (2007), o intelectual se faz pela língua, como reflete Bakhtin (2000) a linguagem é constituída em uma realidade e é capaz de constituir outras. A linguagem fornece ao escritor-intelectual e humanista, seu material básico, como ressalta Said, bem como na literatura e na história, sua oportunidade mais fecunda. O humanismo é a investigação crítica dos valores da história e da liberdade: “[...] o intelectual humanista acredita no poder da mente humana, em investigar a mente humana.” (SPITZER, *apud* SAID, 2004, p. 91).²

A posição de Ernesto Sabato³ frente à CONADEP⁴

Na visão de Said (2007), o sistema, por mais acirrado que possa ser, tanto político quanto cultural, não pode controlar tudo, há sempre uma brecha para o intelectual atuar. Nessa perspectiva, Sabato, ao se pronunciar sempre perante os conflitos sociais, não silenciou também diante da ditadura em seu país (1976-1982), que culminou com a Guerra das Malvinas (1982), como podemos ver na entrevista concedida por ele ao *Jornal do Brasil*, no período em que a Argentina ainda estava saindo da barbárie ocorrida nas Malvinas:

O mais terrível que acontece conosco, os argentinos, é que nunca pedimos as contas, os presidentes e ministros argentinos falaram: “que dios y la patria nos demanden”. Precisamos pedir as contas, desde as mais insignificantes até as que se referem aos direitos humanos e à guerra. [...] chegou a hora de os militares compreenderem que o país não vai tolerar outra manobra para a permanência das Forças Armadas no Poder.

(SABATO, 04/07/1982).

Como observa também a pesquisadora Julia Constenla:

[...] la recuperación de las entrevistas que el escritor sembró en todo el mundo durante cinco décadas permite confirmar la unidad entre su vida y su obra. Sabato respondió siempre, aún en los peores momentos de la Argentina, y despreció la habitual advertencia de que los hombres son dueños de sus silencios y prisioneros de sus palabras [...]. Sabato no titubeó en correr ese riesgo. (2000, p. 11).

A partir da análise da pesquisadora, constatamos os inúmeros pronunciamentos realizados por Sabato, seus encantos e desencantos com o comunismo, o marxismo, entre outros. Isso levou alguns críticos a considerá-lo, também, contraditório, principalmente por ele se posicionar criticamente diante de ideologias, as citadas anteriormente, que ele próprio havia defendido (antes de tomar conhecimento da ditadura stalinista). Contudo, na entrevista a seguir, ao jornal da Argentina *El Clarín*, numa conversa com Vargas Llosa, em que o escritor peruano questiona sobre os seus ataques tanto às ditaduras de esquerda quanto de direita, Sabato acentua:

Es un deber combatir por la verdad. Ninguna dictadura, sea de derechas o de izquierdas, está hecha a la medida de la dignidad humana. [...] La tortura no suprime la tortura. No es con una dictadura feroz, como la de Stalin o Galtieri y otros, acá en la Argentina, que se va a lograr una sociedad ideal. [...] La justicia social es la libertad y solo muerto abandonaré esa posición. (SABATO, 11/08/1981).

Inspirado em Albert Camus, que diz que o escritor deve ser uma testemunha insubornável do seu tempo, Sabato, em seus pronunciamentos, principalmente durante e depois da ditadura e da Guerra das Malvinas, estaria sempre enfatizando a exigência que faz consigo mesmo, que é o compromisso com a palavra e a liberdade.

Conforme o autor (1981), são seres humanos que estão no “campo de batalha” e são seus direitos e valores que estão sendo violados. Assim, ao ser convidado pelo então presidente Raul Alfonsín para presidir a CONADEP (Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas en Argentina), criada em 15 de agosto de 1983, Sabato se comprometeu com um árduo trabalho, como ele mesmo diria mais tarde em entrevistas.

Seu trabalho junto à CONADEP, nas palavras do autor, dentro da obra *Nunca Más* (1984), não foi para julgar. A investigação foi realizada para contribuir com o esclarecimento dos terríveis fatos ocorridos, bem como denunciá-los publicamente para que os responsáveis pelas crueldades perpetradas, respondessem por seus delitos. Como o autor, junto à Comissão, destaca no início da obra *Nunca Más*:

A nossa Comissão não foi instalada para julgar, pois isso é incumbência dos juízes constitucionais, e sim para indagar sob a sorte dos desaparecidos no decorrer destes anos infelizes da vida nacional. Mas, depois de ter recebido vários milhares de depoimentos e testemunhos; de haver verificado ou confirmado a existência de centenas de locais clandestinos de detenção; depois de juntar mais de cinquenta mil páginas de documentação, **temos a certeza de que a ditadura militar gerou a maior tragédia de nossa história, e a mais selvagem.** (SABATO, 1984, p. 01, grifo nosso).

Em entrevista a vários jornais do mundo, como *El País*, *Le Monde*, *O Estado de S. Paulo*, entre outros, após a entrega do *Informe*, Sabato sempre declarou que por muito tempo foi atormentado⁵ pela memória dos relatos, levando-o a ter pesadelos terríveis. Do mesmo modo, também confessou que foi diversas vezes criticado por muitas pessoas que ignoravam os crimes ocorridos durante o denominado *Processo de Reorganização Nacional*.

Perante essas colocações, vale à pena ressaltar, dentro da reflexão da filósofa Hannah Arendt (1989), que não se trata de recordar e intensificar ressentimentos,

mas se remeter ao passado como forma de elucidar o presente; impedir que o esquecimento se torne conivente com o poder estabelecido, ocultando a responsabilidade humana na sua dimensão histórica, cultural e social. A memória, arma contra a dissolução da história, torna-se, também, um instrumento criativo de análise, resignificação e reconstrução da própria realidade. Um exemplo da memória resistente, que não se limita ao espaço do ressentimento e vingança, cabe a Nelson Mandela, que derrotou a Apartheid na África do Sul e, ao ser eleito presidente, foi questionado se o povo negro se rebelaria contra os algozes. Em seu discurso de posse declarou que desenvolveria a “política do perdão” aos opressores e torturadores, porém, esclareceu: “Não posso esquecer, mas posso perdoar.” (MANDELA, 2010, p. 53). Reforçando o pensamento de Mandela sobre a importância de não se esquecer os desatinos do autoritarismo e de toda e qualquer atitude que subtraia a dignidade, os valores e os direitos humanos, retomamos o pensamento de Ricoeur (2007), de que a memória é uma defesa contra o esquecimento. Dessa forma, ao refletirmos sobre o posicionamento de Sabato junto à CONADEP, ao denunciar os militares e genocidas da Ditadura Argentina, bem como os valores e direitos humanos violados, podemos afirmar que a memória, a consciência crítica social e histórica deste período de tensão e barbárie, resignifica o presente e, ao mesmo tempo, assegura que acontecimentos trágicos não sejam propagados e nem repetidos.⁶

A postura de Sabato, enquanto um escritor não só de romances, mas também um intelectual que se vale de sua obra ensaística para criticar o sistema e as ideologias dominantes – chegando ao ponto de se envolver literalmente com a CONADEP – fez com que se tornasse alvo de inúmeras críticas por parte de outros escritores argentinos. Eles desaprovaram a sua conduta, argumentando que a postura de Sabato, em denunciar as torturas, as contradições do poder, incriminando, assim, os seus “algozes”, não passava de uma intenção para exercer o seu *status* de “politicamente correto”. Borges em entrevista à *La Gaceta de Hoy*, após a publicação da obra *Nunca más* (1984), questiona a postura do autor envolvido com a CONADEP e faz uma ressalva:

Não sei por que se meteu nisso (CONADEP). Eu não gostaria de

ser um inquisidor, nem um juiz, nem um verdugo. Não sei por que aceitou tamanha responsabilidade. As acusações são espantosas. É muito estranho. Escolheu esse melancólico destino de inquisidor. Eu preferiria o esquecimento embora fosse um pouco de cumplicidade. Já existe tanta gente morta. [...]. Eu não sei por que Sabato se ofereceu para esta tarefa tão horrível, de examinar acusações. Não é advogado, nada entende de leis. Talvez o tenha feito porque lhe agrada o patético, o horrível. (BORGES, 20/12/1984 in STORTINI, 1990, p. 187).

Na obra *A Resistência* (2008, p. 89), Sabato dá ênfase às razões de seu posicionamento frente à CONADEP, na quinta carta. Assim como em *Antes del fin* (1998), na qual ele lamenta alguns percalços ocorridos e motivados pelo poder de maneira arbitrária, porém, continua confiante de que a luta ética da Comissão parecia não ter sido apenas uma luta vã. O desejo de justiça e esclarecimento dos fatos ocorridos, por parte da Comissão, na época, quanto de grande parte do povo que aguardava a investigação, principalmente, pelas *madres y abuelas de la Plaza de Mayo*, até os dias atuais, é uma resistência com a face da esperança. Conforme o historiador Luis Alberto Romero:

O grosso da sociedade, que, no início, condenou os militares por seu fracasso na guerra, descobriu de uma forma avassaladora aquilo que, até então, preferira ignorar: as atrocidades da repressão, expostas por uma torrente de denúncias judiciais, pelos meios de comunicação e, principalmente, pelo relatório cuidadoso preparado pela Comissão Nacional de pessoas desaparecidas (CONADEP). O texto final desse grupo, constituído pelo governo e presidido pelo escritor Ernesto Sabato, foi amplamente divulgado com o título de *Nunca más*. Era absolutamente certo, mesmo para os que queriam justificar os militares. Manifestaram-se na sociedade algumas confusões e ambiguidades. Eles eram

culpados por terem feito a Guerra das Malvinas, ou apenas por terem-na perdido? Eram culpados por ter torturado, ou apenas quando torturaram inocentes? Mas a grande maioria os repudiou em massa, se mobilizou e exigiu justiça ampla e irrestrita, talvez como em Nuremberg. (ROMERO, 2006, p. 235).⁷

Após essa experiência, profundamente dolorosa para a Argentina, após a ditadura e a Guerra das Malvinas, o país passa por uma transição com crises financeiras e grandes mudanças no panorama econômico-político. Dentro desse conflituoso contexto, a representação literária e intelectual busca se reconstruir, por meio da memória, tentando redefinir a identidade cultural argentina, e a da própria nação.

Ademais de sua postura enquanto escritor-intelectual ter sido criticada e questionada frente à CONADEP, Sabato não titubeou em “correr este risco”, como ele mesmo declarou em entrevistas. Saramago, no discurso a seguir, também reflete sobre o contínuo posicionamento comprometido do autor:

Sabato ha sido el presidente de la Comisión que investigó los crímenes de la dictadura en Argentina. Ha escrito y publicado ese informe titulado *Nunca Más*. Pero pensemos: ¿podremos alguna vez decir “nunca más”? Lo hemos dicho a propósito de esto y de aquello, incluso en nuestra vida privada: nunca más, nunca más; y luego, estuvimos equivocados. Porque primero uno dice “nunca más” con toda la sinceridad del mundo, pero luego no puede cumplirlo. [...] Sabato habla del pueblo de los argentinos. Éste no es como el pueblo portugués, como el pueblo español, dotados de una identidad inalterable que se mantiene. En la Argentina, el pueblo son las sucesivas generaciones de un pueblo con el que Sabato está profundamente comprometido. (SARAMAGO, 2004, p. 236).

Os reclames e reivindicações das *Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo*, as trágicas recordações das vítimas sobreviventes, os familiares dos desaparecidos, entre tantos outros cidadãos inconformados, não permitiram que a memória fosse dissolvida no esquecimento. Dessa forma, fazem da memória, nas palavras do poeta León Gieco, uma arma da história, que desperta para ferir os povos adormecidos. Esse resgate da experiência vivida pela Argentina, e pensada por Sabato em algumas de suas obras e pronunciamentos, possibilita-nos refletir as novas máscaras ditatoriais na contemporaneidade, que estão disfarçadas pelo pensamento único, pela desumanização do ser, pelas contradições dos sistemas atuais, pelo enorme conforto de não se posicionar, pelas imposições mercadológicas e que se encontram interpenetrados nas atuais conjunturas.

Como bem enfatizou Saramago, não basta apenas dizer "*nunca más*", como se fosse um *mantra* capaz de impedir as barbáries e dissimulações provocadas pelos sistemas, poderes estabelecidos e ideologias dominantes. Assim, do mesmo modo que a face do intelectual se encontra em permanente construção, o seu comprometimento também passa por reavaliações e ressignificações contínuas. Como esclarece Said (2007), o escritor-intelectual deve se perguntar continuamente *com quem, por quem e com o quê* ele está comprometido, até porque o seu silêncio, de certa forma, também não deixa de ser um pacto com a realidade a qual observa e vive, principalmente quando se trata da América Latina, um continente, como acentua Ana Pizarro (2009), em que vivemos um curso histórico que exige pronunciamentos, sejamos ou não intelectuais. Ao ser questionada se a posição do intelectual na contemporaneidade reflete a mesma dos anos 60-70 (épocas de ditaduras no continente), a pesquisadora ressalta:

[...] yo creo que no se trata de la misma respuesta que en los años sesenta, setenta, sabemos las transformaciones que ha habido, hoy tenemos otras formas de poder, una perspectiva más compleja de América Latina. Pero me siento parte de un continente que exige permanente atención y de una historia internacional movida por diferentes formas de poder. Siento responsabilidad frente a mi familia, mis amigos y frente mis

estudiantes, en fin, mi gente. Esta me ayuda a entender el mundo, hasta donde lo entiendo, y le da un sentido a mi quehacer. (2009, p. 17).

A partir da colocação refletida por Pizarro, em que há exigência de posicionamento crítico diante da complexa realidade da América Latina, bem como o compromisso e a responsabilidade com ela e a vida, percebemos, então, que essa postura não “aprisiona” o *pensador livre*, no sentido próximo da etimologia do termo *intelectual*, e a própria comunidade em que está inserido, mas, ao contrário, dá sentido ao que cada um faz e realiza.

Como discute Pierre Bourdieu: “Tornar-se consciente dos mecanismos que fazem a vida penosa, mesmo impossível de ser vivida, não significa neutralizá-los; trazer à luz as contradições não significa resolvê-las.” (*apud* BAUMAN, 2001, p. 245). Nesse sentido, o posicionamento não exige apenas “consciência da realidade”, mas, como deixa claro Said (2007) e Bobbio (1998), é necessário uma espécie de concretude. Assim, sendo intelectual ou não, retomando o pensamento de Pizarro, torna-se essencial o comprometimento e a criticidade que geram transformações. Por isso, a obra *A Resistência* não condensa apenas constatações analíticas da modernidade atual, mas, por ser escrita de maneira ensaística, provoca o leitor para a inconformação e o compromisso, sugerindo alternativas críticas e humanas, questões essas que já se encontram de maneira latente nas obras anteriores de Ernesto Sabato, sobretudo, nas ficcionais.

Os pronunciamentos realizados pelo autor publicamente, bem como refletidos em suas obras, e *vice-versa*⁸, renderam a ele algumas acusações e estereótipos, dentre os quais já destacados que é de ser um escritor “contraditório”⁹. Por isso, ao analisarmos muitas das entrevistas concedidas pelo autor percebemos que, frequentemente, há uma pergunta relacionada a esse enfoque. Como podemos verificar na seguinte autodefesa do escritor à questão levantada pelo entrevistador de *La Maga*, em 1995: “[...] todos los seres humanos nos equivocamos infinidad de veces. El principio de no contradicción es apto únicamente para la razón pura, como es el universo para el matemático. No para el corazón de los pobres mortales.”

(SABATO *in* CONSTENLA, 2000, p. 365).

Nesse percurso de reflexão, retomando o pensamento de Said (2007, p. 171), em que, se a primeira luta do intelectual é apresentar narrativas alternativas da história e outras perspectivas, que não sejam as mesmas fornecidas pelos discursos oficiais em nome da memória oficial, da identidade nacional e da missão, a segunda é “a luta pela construção de campos de coexistência, em lugar de campos de batalha”, sendo os campos de “convívio com o outro”, o resultado do trabalho intelectual. Identificamos essa preocupação do autor, dentro da obra *A Resistência*, pois ao reconfigurar o passado, reler a história, desconstruir, construir e reconstruir a memória, ele busca entender o presente e a si mesmo no trabalho de ressignificar a existência humana. Para isso, consciente de que o presente é um produto direto do passado, acredita na capacidade humana de repensar, recriar e interferir na realidade com o olhar voltado também ao horizonte do futuro, sem sucumbir somente ao ceticismo e à letargia das fracassadas experiências vividas. Por isso, busca criar campos de coexistência, que estão sempre permeados pela sua proposta de resistir. Nesse sentido, *A Resistência* carrega toda a criticidade e o inconformismo do autor, perante as diversas realidades. Mesmo consciente que a Ditadura Argentina e a Guerra das Malvinas acabaram, o autor se preocupa em continuar discutindo as ideologias, os poderes estabelecidos, enfim, a *Modernidade Líquida* e os seus problemas.

1.2.1 A posição de Sabato no século XXI

Ao pensarmos a questão do intelectual, devemos considerar os diversos contextos histórico-sociais, culturais, em que cada um está representando o seu papel, por isso, há que se levar em conta, o *locus* de enunciação do intelectual abordado. Nessa pesquisa, ao se tratar do autor Ernesto Sabato, é importante deixarmos claro que, por mais que ele parta dos princípios sartreanos de liberdade e responsabilidade para compor seu posicionamento comprometido, isso não designa que sua postura intelectual esteja “espelhada” apenas na conduta de Sartre. Como aprofundaremos adiante, os contextos mudam, assim, não há como transplantar um conceito de uma realidade para outra; o que podemos constatar são os diálogos e as

aproximações existentes, bem como: o que permaneceu, o que mudou e o que deve ser transformado.

Ao realizarmos uma reflexão em torno do escritor-intelectual na contemporaneidade, percebemos, de maneira significativa, a preocupação incômoda por parte de vários estudiosos sobre a questão. Se por um lado, esses *escribas*, como Said (2007) denomina, têm como função primordial o trabalho de lutar contra o desaparecimento do passado, da memória; por outro, acabam sendo seduzidos pela inação porque lhes faltam discernimentos para resistir à própria cultura. Desse modo, essa situação problemática em vez de servir para o início de sua luta, com seu contradiscurso e contramemória, torna-se desistência diante do que se vê. Assim, como enfatizou Benjamin (*in* NOVAES, 2006), ao se olhar o passado, muitos pensadores se entregam à “preguiça no coração”, de forma que essa letargia parece ser mais estimulante e confortável, pois é cômoda, do que os verdadeiros valores e ideais que incendeiam o espírito humano e desestabilizam determinadas visões dogmáticas.¹⁰

Nos meandros do capítulo *O papel público dos escritores e intelectuais*, da obra *Humanismo e crítica democrática* (2007), Said reflete sobre a necessidade da autocrítica e do autoconhecimento, principalmente por parte dos escritores-intelectuais, pois eles trabalham mais intensamente com o olhar também voltado ao passado. Dentro desse olhar, é que iniciarão a sua luta para que, compreendendo o tempo de outrora, possam entender e planejar o presente que aqui se faz e o futuro que está sendo delineado. Nessa reflexão, o pensador enfatiza a responsabilidade e o compromisso que deve ou deveria ter cada escritor, que, sendo a sua primeira luta o impedimento para que o passado não desapareça, terá que apresentar, também, alternativas de narrativas e outros horizontes da história, que permitirão que a memória não só se proteja do *esquecimento*, mas também do *ressentimento*.

Essa postura só pode ser concretizada por meio da reavivação da memória que, conforme Ricoeur (2007, p. 40), deve estar desvencilhada do mero significado de imaginação – no sentido de fictício, falacioso, fantasioso, irreal. Contudo, deve ser tomada, principalmente, como capacidade de poder ser remetida ou “se fazer

remeter” ao passado, por determinadas experiências, informações que estão “guardadas” na mente humana: “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela.” A memória, então, torna-se uma ressignificadora do presente, engendrando perspectivas futuras e não somente uma ferramenta para guardar dados mnemônicos e sim, sobretudo, como uma capacidade de (re)significação das coisas e de si mesmo. Assim sendo, ela também se torna, nas palavras de Said, um poderoso instrumento para a preservação da identidade de um povo, bem como de cada indivíduo inserido na comunidade: “[...] é algo que pode ser transmitido não só por meio de livros e narrativas oficiais, mas também por meio da memória informal. É uma das principais defesas contra um apagamento histórico. É um meio de resistência.” (2003, p. 184).

Na reflexão de Said, podemos perceber que a memória, quando ativada, torna-se uma alternativa de resistência, pois dentro de uma cultura, muitas vezes massificadora, não há como resistir sem conhecimento, sem buscar desvendar seus mecanismos. Essa capacidade só é efetivada por meio do conhecimento do passado, porque o tempo atual é constituído por confluências de outras vidas e histórias interpenetradas no decorrer da existência humana, porque o presente é um produto direto do passado. Nada, por mais que se queira, pode ser literalmente apagado, pois de uma forma ou de outra, elas percorrem os fios subterrâneos que tecem a vida humana. Dessa perspectiva, fazem parte da condição humana, esses conflitos e lutas, que são, muitas vezes, contidos pelo poder, pela massificação ideológica, pelos medos que acovardam. Mesmo assim, nas palavras de Sabato (2008), não se pode acreditar que não exista, no ser humano, a vontade, o desejo “de se debater entre seus tormentos” sobre os fios que o teceram para não se transformar em um mero emaranhado de linhas de vidas, histórias e experiências inconscientes. Por isso, voltar ao passado, à mais profunda memória coletiva e individual, é buscar subsídios de resistência, pois em todos os momentos da história houve pessoas que ficaram presas nas teias do poder, contudo, também existiram seres humanos que souberam encontrar nas crises a oportunidade, “a brecha”, para que a resistência penetrasse. A resistência, que além de estar permeada pela consciência crítica, também está

carregada de tenacidade e coragem.

Ao retomarmos o pensamento de Said, em que a memória é uma das principais defesas contra o esquecimento da própria trajetória da existência humana, percebemos que Sabato, enquanto escritor-intelectual, também se utiliza desse meio para dar início a sua luta na obra *A Resistência*. Desse modo, como enfatizamos anteriormente, nas palavras de Said (2003), a memória não é somente transmitida por livros, narrativas oficiais, mas também pela memória informal. Assim, é dessa forma que Sabato procura, em sua obra em foco, trazer para o leitor, além de grandes exemplos históricos, literários, também relatos sobre experiências cotidianas de pessoas que trabalham nas *villas-miseria*¹¹, em orfanatos, entre outros lugares, junto ao povo que é marginalizado. As pessoas, conhecedoras do quanto de sagrado há no ser humano, mas também conscientes dos valores éticos, não se conformam com a banalização do ser e da vida, e por isso encarnam a resistência.

Dentro desse resgate do passado para ressignificar o presente e dar sentido a si mesmo e à vida, nas palavras de Saramago (2004), Sabato lança um *olhar apaixonado* para o futuro. Acredita que apesar da crise, utilizando a metáfora de Bauman (2001), na *Modernidade Líquida*, existem pessoas que incorporam a resistência, por isso, a sua posição, enquanto escritor da obra *A Resistência*, não está, nas palavras de Said, na retórica opulenta de ficar vociferando verdades absolutas ou tentando impor seu discurso de maneira abrupta. Compenetrado em sua meditação e reflexão existencial, alicerçada em sua maturidade serena, Sabato procura provocar o leitor para que ouse avaliar a vida de outra maneira. Por meio da memória crítica, ele combate o esquecimento, não somente da história, mas também dos valores humanos e espirituais que se encontram banalizados ou, nas palavras de Said (2006), sumidos no *buraco da memória*.

Assim como Said, outros escritores também reclamam pelo posicionamento crítico e humano das pessoas na contemporaneidade, principalmente dos escritores e intelectuais a favor dos direitos humanos; constatamos, também, a preocupação, de forma especial, de alguns pensadores, à América Latina, um continente extremamente marcado por opressões, de colonizadores para com colonizados e

sangrentas ditaduras como forma de manter o poder estabelecido. Perante esse painel de desatinos e disparates, a pesquisadora sobre a América Latina, Ana Pizarro, em entrevista sobre o intelectual na pós-modernidade, discute sobre a exigência que se estabelece, em nosso continente, do contínuo comprometimento humano e crítico, dando ênfase à seguinte questão:

En este continente no se puede no tener una dimensión política (y comprometida) de la vida. Seamos o no intelectuales. Seamos tradicionales o no. Pero de la política en el gran sentido de la palabra, no en la partidista, que respeto pero no es el caso. Vivimos un curso histórico que exige pronunciamientos. No siempre se dan en el mismo orden de respuesta, pero la exigencia está. (2009, p. 17).

Na colocação acima, Ana Pizarro é categórica ao afirmar que o nosso continente, América Latina, exige uma dimensão política e comprometida da vida. A pensadora ainda enfatiza que essa posição, que deve ser tomada, não se restringe apenas para os intelectuais, mas para todas as pessoas, ainda mais por ser um continente permeado de grandes valores, mas também extremamente ferido nos mesmos, os quais ou são postos em dimensões "míticas e místicas", ou seja, "irreais" ou rebaixados por se tratarem de valores constituídos por um subcontinente. Assim, a política, a cultura, a economia, etc., buscam implantar "modelos" dos mais desenvolvidos, sem ter consciência que, muitas vezes, esses "transplantes" são rejeitados pelo próprio organismo social, cultural e histórico que constituem a nação. Nesse aspecto, Pizarro reflete que "vivemos um curso histórico que exige pronunciamientos" não no sentido de impormos um único pensamento, tentando "calar a voz do outro" ou simplesmente atacá-lo, mas de perceber que os tempos mudaram e não há como silenciar frente ao que está acontecendo.

Ao refletirmos, mais profundamente, as palavras de Pizarro, sobre a exigência de posicionamento que se requer dentro da América Latina, podemos compreender melhor a postura de Sabato. Um autor que se demonstra comprometido com o povo argentino, seu país e também, em suas palavras, com a própria humanidade. Assim,

ao investigarmos e analisarmos suas várias obras, tanto os romances quanto os ensaios, identificamos seu compromisso em discutir e refletir as diversas questões que tangem o ser e o mundo no qual está inserido. Como observa Silvia Sauter: "Sabato es uno de los escritores cuya vida y escritura se entrecruzan e influyen mutuamente, así es como lo reconoce gran parte de su crítica." (2005, p. 08). A consciência comprometida, em uma perspectiva de auto-exigência, também é confessada pelo próprio escritor em entrevista concedida à revista *Bravo*: "Não me agradam os escritores que traem em sua vida diária o que sustentam em sua obra. Detesto este tipo de contradição. Um escritor deve dizer o que considera sua verdade e defendê-la sem se importar com os riscos que se veja comprometido." (SABATO, 11/1999).

A partir do pronunciamento do autor, percebemos a relevância de se refletir mais profundamente o pensamento de Said, no qual ele enfatiza a responsabilidade do escritor-intelectual frente às diversas realidades, bem como o seu compromisso ético com a palavra. Da mesma forma, reconhecemos a reivindicação de Pizarro, ao se referir mais precisamente à América Latina, um continente que reclama posicionamento crítico e humano. Vale esclarecer novamente, que não se trata de engajamento político no aspecto partidarista, mas, sobretudo, compromisso ético. Por isso, prosseguindo nesse enfoque, consideramos pertinente destacarmos a conclusão do pronunciamento de Sabato, na mesma entrevista concedida por ele, à revista *Bravo*, sobre o escritor e seu compromisso com a palavra e a vida, tanto em sua obra, quanto em sua vivência cotidiana:

Essa é uma postura ante si mesmo, ante a vida e ante os demais. Essa é sua política – nada menos – e não se deve confundir com particularismos políticos. Sempre me considerei um franco-atirador solitário. Ao longo da vida, essa atitude me foi conquistando uma quantidade de inimigos. O escritor não pode defender nenhuma ideologia que esteja acima da dignidade da criatura humana e, se o fizer, a história o julgará por esse crime. A meu ver o mais aberrante. (SABATO, 11/1999).

Conforme Maria Angélica Correa (1980), estudiosa das obras de Sabato na Argentina, a figura do escritor de *Sobre Heróis e Tumbas* quase sempre é polêmica, pois se, por um lado, o consideram como uma *voz moral* do país, por outro, dentro de determinados grupos, ele é considerado um escritor "contraditório". Como o fato, por exemplo, de ele ter feito parte do Partido Comunista e depois tê-lo criticado ferozmente, bem como o seu posicionamento investigativo ao presidir a CONADEP. Porém, perante as críticas, o autor, em entrevista à *Bravo*, se posiciona da seguinte maneira: "Ao longo da vida, essa atitude me foi conquistando uma quantidade de inimigos. Como esses comunistas de salão que me acusaram quando critiquei os crimes stalinistas. Será possível, por acaso, distinguir entre torturas más e torturas que trazem benefícios?" (SABATO, 11/1999).

Consciente das críticas lançadas ao seu trabalho e posicionamento, o autor não se preocupou em deixar de ser polêmico, nem tampouco se intimidou em permanecer provocativo em suas obras ensaísticas. Dessa forma, a obra *A Resistência*, escrita na virada do milênio, em cinco cartas-ensaio, a partir de uma confluência de textos e temas já tratados pelo autor, em suas obras anteriores, também carrega o espírito investigativo de Sabato, deixando de ser uma mera reprodução de questões já desenvolvidas. Em seus próprios termos, como um *franco-atirador solitário*, instiga, provoca e inquieta o pensamento moldado no contexto da *Modernidade Líquida*, convocando os inconformados para uma luta em prol dos valores do espírito, que no seu entendimento são os únicos capazes de resgatar a humanidade perdida e impedir que a memória se dissolva na liquidez. Em suas palavras, na primeira carta da obra *A Resistência*:

Peço a vocês que paremos para pensar na grandeza que ainda podemos pretender se ousarmos avaliar a vida de outra maneira. Peço a nós essa coragem que nos situa na verdadeira dimensão do ser humano. Todos, repetidas vezes, fraquejamos. Mas há uma coisa que não falha, e é a convicção de que – unicamente- os valores de espírito podem nos resgatar deste terremoto que ameaça a condição humana. (SABATO, 2008, p. 13).

Escreve, assim, a sua proposta de resistência, desde a sua velhice, ou melhor, de sua maturidade existencial. Tal como um Homero em seu estado de cegueira, considerando que o autor se encontrava em um estágio em que sua visão estava fragilizada, possuindo apenas a memória, que é evocada como uma musa, sua única arma contra o tempo.¹²

Para compreendermos de maneira mais profunda, sem cairmos em extremismos, o posicionamento de Sabato enquanto escritor que pensa a *questão da resistência* de forma mais explícita no século XXI, torna-se fundamental conhecermos sua trajetória intelectual. Caso contrário, exaltá-lo-íamos como um revolucionário das letras e da sociedade, ou, cairíamos no reducionismo de acharmos que suas obras e pronunciamentos não passam de “meras contradições”. Como observa o crítico Nicasio Urbina: “Sabato es un creador que despierta en sus lectores reacciones apasionadas y tajantes. Por un lado están aquellos a quienes deslumbra, convencidos de que es uno de los grandes escritores del siglo XX, y por otro aquellos que lo atacan y detestan”. (*in* SAUTER, 2005, p. 33). Urbina segue a sua análise destacando a seguinte observação: “Lo extraordinario es que nadie que lo lea queda indiferente a su obra.” (*idem*). Assim, buscando uma *justa medida* diante da colocação do crítico argentino, podemos nos valer do próprio pensamento do escritor: “Como todo lo que se refiere a los seres humanos, la literatura y la actividad literaria es intensa y contradictoria.” (SABATO, 10/1995).

Nas palavras de Urbina (2005) e Sauter (2005), em discussão sobre a vida e a obra de Sabato, ambos destacam que não há como desvencilhar o *autor* do *cidadão* Ernesto Sabato. Suas obras e pronunciamentos compactuam, pois da mesma maneira que ele procura desvendar o seu caos interior no cotidiano, também sobressaem em seus textos as complexas contradições do ser. Elas se referem mais à condição humana em permanente conflito do que necessariamente às “contradições lógicas”. Sabato faz de suas obras um “campo de batalha”, como ele discute em *O escritor e seus fantasmas*. A batalha que ele menciona está voltada ao ser que se encontra em crise e por isso entra em tensão consigo mesmo e o mundo, *Uno y el Universo*, assim, como o poeta Rimbaud confessa em sua obra *Uma estadia no inferno*: “A batalha espiritual, é mais violenta do que a batalha entre os homens.”

(2003, p. 92).

Sabato, ao pensar a questão da *resistência*, deixou transparecer um pouco deste ser, como diria Maria Angélica Correa (1980), inconformado, "puro nervios", mas com certa serenidade, conquistada por meio de uma profunda reflexão existencial. Por isso, a obra carrega o estigma do seu autor combatente, pois aos 89 anos, em 2000, ainda insistiu em propor, de maneira mais explícita, alternativas críticas e humanas frente à banalização do ser e da vida, cuja proposta é *A Resistência*. Ela provoca os seres humanos para que não sucumbam ao "esvaziamento moral", à supressão da dignidade humana, mas que resistam, buscando no passado uma forma de entender o presente e planejar o futuro, numa contínua interação com diversos fios existenciais. Já dizia Walter Benjamin: "Não existem, nas vozes que escutamos ecos das vozes que emudeceram? Se assim é, existe um encontro marcado, secreto, entre as gerações precedentes e a nossa." (BENJAMIN, 1985, p.223); e para sintetizar, nas palavras do próprio Sabato: "*A história não é mecânica, porque os seres humanos são livres para transformá-la.*" (SABATO, 1995).

REFERÊNCIAS

Breve História da Argentina

- ARENDDT, H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- BEIRED, J. São Paulo: Ática, 1996.
- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1996.
- CONSTENLA, J. *Medio siglo con Sabato*. Entrevistas. Buenos Aires: Textos libres, 2000.
- CORREA, M. *Genio y figura de Ernesto Sabato*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2002.
- EL COMERCIO. Corte argentina declaró inconstitucional indulto a los dictadores. In: *El Comercio*. Buenos Aires, Argentina.13/06/2010.

FILHO, A. O balanço existencial de Sabato. In: *Estado de São Paulo*, Caderno Cultura, 04/05/2008.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

P&A, 2006.

GOMBROWICZ, W. *Diário 1*. Madri: Alianza, 1988.

GONZÁLES, H. *Historia crítica de la literatura argentina*. Buenos Aires: Emecé, 2000.

KAFKA, J. *O Processo*. Rio de Janeiro: Biblioteca O Globo, 2003.

NOVAES, A. (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NOVARO, M; PALERMO, V. *A Ditadura Argentina 1976-1983. Do golpe de estado à Restauração Democrática*. São Paulo: Edusp, 2007.

OLIVEIRA, L. *Do nunca mais ao eterno retorno: uma reflexão sobre a tortura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIZARRO, A. *Entrevista com Ana Pizarro: o intelectual e a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF, 2009.

RICOEUR, P. "O Perdão pode curar?" in HENRIQUES, F. (org.) *Paul Ricoeur e a simbólica do Mal*. Porto: Afrontamento, 2005.

_____ *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

RIMBAUD, A. *Rimbaud por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SABATO, E. *Uno y El universo*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

_____ *A Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____ *Antes do fim*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

_____ *La resistencia*. Buenos Aires: Seix Barral, 2000.

_____ *Antes del fin*. Buenos Aires: Seix Barral, 1998.

_____ *Abadón el exterminador*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

_____ *El escritor y sus fantasmas*. Buenos Aires: Seix Barral, 2005.

_____ *Informe sobre ciegos*. Buenos Aires: Emecé, 2008.

_____ *Nunca mais!* Porto Alegre: L&PM, 1984.

_____ *Sobre héroes y tumbas*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

_____ O mundo inconformista de Ernesto Sabato: louco trágico, heróico. In: *Estado de São Paulo*, 29/08/1981.

_____ Sabato reportado por Vargas Llosa. Buenos Aires, in *Clarín*, 11/08/1981.

_____ *Política*. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br>. > Acesso em: 05/06/2010.

_____ Desaparecidos, uma ferida aberta na história argentina. In *Folha de São Paulo*, 23/09/1984.

_____ Nunca más. Periódico *El País*. Barcelona-España, 1985.

_____ Escrevo para não explodir de angústia. In: *O Estado de S. Paulo*, 04/10/1981.

SAID, E. *Cultura e resistência*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____ *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARAMAGO, J. Palabras de José Saramago en la recepción del *Honoris Causa* que se le otorgó a Ernesto Sabato por la Universidad Carlos III. In: SABATO, E. *España en los diarios de mi vejez*. Buenos Aires: Seix Barral, 2004.

SAUTER, S. *Sabato: símbolo de un siglo*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

NOTAS

¹ Paul Klee, *Angelus Novus, 1920* in <http://www.roniteden.com/projects/angel-among-the-ruins>.

² O autor enfatiza ainda que: “O modo mais direto e concreto de começar a compreender o alcance do humanismo é, em meu ver, por meio de uma experiência pessoal.” (SAID, 2007, p. 27).

³ Como preferência do próprio autor (in SAUTER, 2005, p. 8), após escrever o romance *Abadon o exterminador* (1974), o seu nome será mantido sem acentuação ortográfica: SABATO.

⁴ Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas.

⁵ Conforme Sabato, em *Antes del fin*: “Como tantas veces comentamos con Magdalena Ruiz Guiñazú, el horror que día a día íbamos descubriendo, dejó a todos los que integramos la CONADEP, la oscura sensación de que ninguno volvería a ser el mismo, como suele ocurrir cuando se desciende a los infiernos.” (SABATO, 2006, p. 105).

⁶ Em entrevista ao jornal *Clarín*, da Argentina, Sabato declara: “Tanto los de sangre como los de dinero deben ser juzgados, porque sino la Argentina no podrá restaurar esa fe que urgentemente necesitamos. Necesitamos verdad y justicia. No venganza. Nunca.” (SABATO in CONSTENLA, 1983, p. 316).

⁷ Conforme Gonzáles: “Borges [...] quando pressionado pelas *Madres de la Plaza de Mayo* decidiu condenar o governo que antes tinha considerado como “de cavalheiros”.” (GONZÁLES, *Folhetim*, 06/01/1985).

⁸ Debates **Folha**: “A rádio USP-FM (93,7 MHz) transmite hoje, 11/11/1986, às 22h, a mesa-redonda promovida no último dia 29, no auditório da **Folha**, com o escritor argentino Ernesto Sabato, 75 [...]. A mesa-redonda, mediada por Nelson Ascher, crítico da **Folha**, contou com a participação dos professores Celso Lafer, da Faculdade de Direito da USP, e Jorge Schwartz, da Faculdade de Letras. A conversa com Sabato foi, sem dúvida, um marco no estreitamento das relações culturais entre o Brasil e os outros países da América Latina. Ele falou bastante e quem quer que conheça seus livros poderia ter previsto perfeitamente as respostas que daria às perguntas formuladas, tanto pelos debatedores, quanto pelo público.” (*Folha de São Paulo*, 11 de novembro de 1986).

⁹ Por ter integrado o Partido Comunista, e defendido alguns dos seus ideais, e, ao ter conhecimento das ditaduras da extrema esquerda, tê-lo abandonado e criticado. Acreditando sempre na liberdade e

compromisso ético do escritor e sendo contra todo e qualquer tipo de sistemas e/ou poderes que violam os direitos humanos.

¹⁰ Para Novaes (2006): “Entramos no futuro de costas, frase que nos remete ao célebre fragmento de Walter Benjamin sobre o quadro *Ángelus Novus*, de Klee. O quadro representa um anjo “*que parece querer afastar-se para longe daquilo que está olhando fixamente*”, escreve Benjamin. “*Seus olhos estão arregalados, a boca aberta, as asas estendidas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. O que para nós aparece como uma cadeia de acontecimentos, ele vê apenas como catástrofe que não cessa de empilhar a seus pés ruínas sobre ruínas [...]. A tempestade o impele de maneira irresistível para o futuro, para o qual ele dá as costas, enquanto diante dele o monte de escombros cresce até o céu. O que chamamos progresso é essa tempestade.*” É como se jamais pudéssemos tirar os olhos do pensamento acumulado e suas profundas lembranças, e também como se tivéssemos medo daquilo que não se pode saber ainda o que será. São os tempos de incerteza.” (NOVAES, 2006, p. 09).

¹¹ Termo utilizado na Argentina para denominar favelas.

¹² Ernesto Sabato faleceu em 30/04/2011.